

Deu Fla: Rubro-negro bate Flu com gol do 'papai' Pedro pelo Carioca

CADERNO DE ESPORTES

Rio Open: Argentino Baez é o campeão

Laureus: Filipe Toledo e Rayssa Leal são finalistas



O GLOBO



Irineu Marinho (1879-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 2024. ANO LXXI - Nº 33.075 - PREÇO DESTA EXEMPLAR R\$ 1,90

CENSO ESCOLAR

Mais de 1 milhão de alunos estudam em colégios sem água potável

Eles estão matriculados em 7,7 mil unidades de ensino, das quais 75% ficam em áreas rurais

O Censo Escolar de 2023 revela uma condição degradante para mais de um milhão de alunos brasileiros: existem no país 7,7 mil unidades de ensino onde não há água potável disponível, situação que atinge 1,2 milhão de estudantes. Três em cada quatro dessas es-

colas estão em áreas rurais do país, e mil delas ficam em territórios indígenas. O Pará é o estado que tem mais alunos sem acesso a água limpa (198 mil). O Censo mostrou ainda que 90 mil estudantes brasileiros estão em escolas sem luz elétrica. **PÁGINA 7** ANTONIO HUGO

Aneel cobra planos para evitar falta de luz em eventos climáticos

Com tempestades cada vez mais frequentes no país, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) vai fazer exigências às concessionárias para minimizar as quedas de energia, como aterramento de fiação, mapeamento de árvores e planos de contingência. **PÁGINA 8**

EUA: Trump acumula vitórias, mas Haley ainda é 'pedra no sapato'

Triunfo na Carolina do Sul, estado de sua adversária Nikki Haley nas primárias republicanas, acentua favoritismo do ex-presidente, que acusa adversária de seguir na disputa apenas para fazê-lo "sangrar". **PÁGINA 9**

NOVO PLANO URBANO

Um Centro do Rio com mais verde e menos carros

Encomendado pela prefeitura, um pacote de medidas urbanísticas para o Centro desenvolvido pelo BNDES inclui alargamento de calçadas e criação de "tambor". Conheça os detalhes. **PÁGINA 10**

Letalidade policial cai em janeiro no Rio; Bope passa a usar câmeras na farda

O número de mortes em confronto com a polícia caiu 57% em janeiro no Rio em relação ao mesmo mês de 2023. Para analistas, a redução das operações e as câmeras nas fardas ajudam a explicar. **PÁGINA 11**



Na Paulista, Bolsonaro pede 'borracha no passado' e anistia pelo 8 de Janeiro

Investigado por suposta tentativa de golpe de Estado, o ex-presidente promoveu ato que reuniu milhares de apoiadores em São Paulo, enchendo a Av. Paulista. No discurso, ele negou golpe, tentou rebater evidências reunidas pela PF como a minuta de declaração de estado de sítio, evitou ataques ao STF, defendeu que se passe uma "borracha no passado" e pediu que o Congresso aprove anistia aos condenados pelos atos do 8 de Janeiro. **PÁGINA 12**

SEGUNDO CADERNO

Vanessa da Mata, atenta e forte

"Hoje, se tem como passar longe da paixão, passo", diz a cantora e compositora a MARIA FORTUNA, contando que desistiu de relacionamentos românticos. "Estamos menos tolerantes, sem conseguir assumir erros e deixar o ego de lado", avalia. Com disco novo, ela revela violências sofridas por ser mulher e pelo cabelo que leva como marca registrada. E fala também de problemas de saúde: "As doenças me sensibilizaram".



Autoestima em dia: "Nunca me senti tão bem quanto depois dos 45 anos. Me acho linda, gostosíssima"

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Estácio de Sá, vítima da cidade que fundou
SEGUNDO CADERNO

EDITORIAL
PEC DOS MILITARES REPRESENTA PASSO NA DIREÇÃO CORRETA **PÁGINA 2**

WASHINGTON OLIVETTO
Imaginação do ouvinte é um patrimônio do rádio **PÁGINA 3**

RICARDO HENRIQUES
Brasil tem de avaliar erros e acertos para ampliar ensino superior **PÁGINA 10**

NOVA LEI
'Alerta de doping' nos remédios divide setores da Saúde

Em vigor desde janeiro, a lei que obriga que as caixas de remédio informem que aquele medicamento pode configurar doping visa a reduzir casos de "doping acidental" por atletas. Mas empresas farmacêuticas e alguns médicos veem risco de a informação atrair "esportistas de fim de semana". **PÁGINA 6**

FERNANDO GABEIRA
Enquanto líderes fazem jogos verbais, a guerra mata **PÁGINA 2**

IRAPUÁ SANTANA
Por que temos de justificar erros de políticos que apoiamos? **PÁGINA 3**

RODRIGO CAPELO
O risco de tratar negociação como guerra ideológica **CADERNO DE ESPORTES**



— Segunda-feira, vamos voltar a trabalhar!



CRIME EM SÃO PAULO

PM e filha são mortos em assalto

Agente estava de folga e tentou impedir ação de bandidos em farmácia



PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE



DIVULGAÇÃO/MPAL

Fiscalização. Sede de Aprender foi criado pelo Ministério Público de Alagoas e, em parceria com a Atricon e o Instituto Rui Barbosa, visita escolas para testar a água, propor soluções e cobrar medidas

AULAS SECAS

Censo Escolar: mais de 1,2 milhão de alunos não têm acesso a água potável

BRUNO ALFANO
bruno.alfano@extra.inf.br

Na Terra da Liberdade, uma área quilombola de Cameté, no Pará, os alunos da escola municipal Bom Fim precisam voltar em casa para matar a sede, e os professores pegam garrafinhas na vizinhança para compensar as torneiras secas. A situação não é isolada: o Censo Escolar, divulgado na última quinta-feira pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), registrou quase 1,2 milhão de estudantes matriculados em 7,7 mil colégios sem acesso a água potável no país. Essa quantidade de alunos é similar, por exemplo, aos matriculados nas escolas — públicas e privadas somadas — da cidade do Rio.

—A Bom Fim tem um poço

que não funciona. Outras escolas do território até têm água, mas não é tratada. Às vezes tem um produto químico para jogar, mas é muito esporadicamente — diz Manoel Linduino, representante quilombola no Conselho Municipal de Educação de Cameté.

Só no Pará são 198 mil nesta situação. Estados do Sul e Sudeste também possuem escolas sem água limpa para beber, como o Rio Grande do Sul (60 mil), o Rio de Janeiro (41 mil) e São Paulo (24 mil).

Esses colégios sem água potável estão majoritariamente nas zonas rurais (74%), e quase um terço fica em área indígena ou quilombola. O Censo Escolar também mostrou que há mais de 90 mil alunos estudando em escolas sem luz elétrica, a maior parte (93%) também localizada no campo.

Especialistas apontam que essa predominância se dá, en-

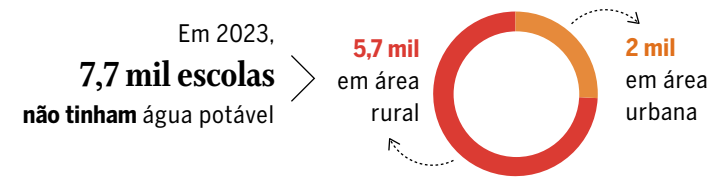
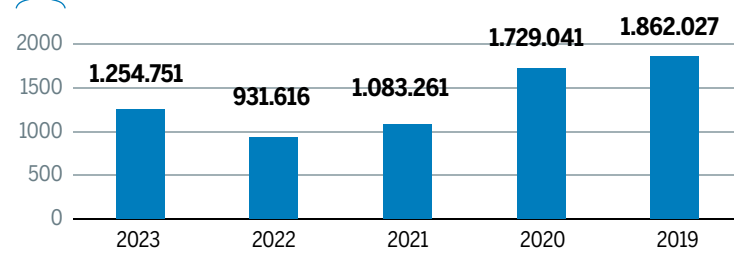
tre outros motivos, por fatores geográficos. Colégios do campo e em comunidades tradicionais costumam ficar em regiões afastadas, de difícil acesso. Quase cem mil desses alunos, por exemplo, estudam em escolas abastecidas pela água do rio sem nenhum tipo de tratamento. No entanto, a má qualidade da gestão escolar e da rede também são responsabilizadas pelo cenário.

— São escolas afastadas, carentes de infraestrutura, mas também de apoio técnico tanto da direção, que muitas vezes precisa atuar com professores também, quanto das secretarias — afirma Rodrigo Siqueira de Oliveira, pesquisador na Escola Nacional de Administração Pública (Enap). — Isso significa que muitas vezes as escolas não conseguem nem constituir um CNPJ para receber o recurso do ministério.

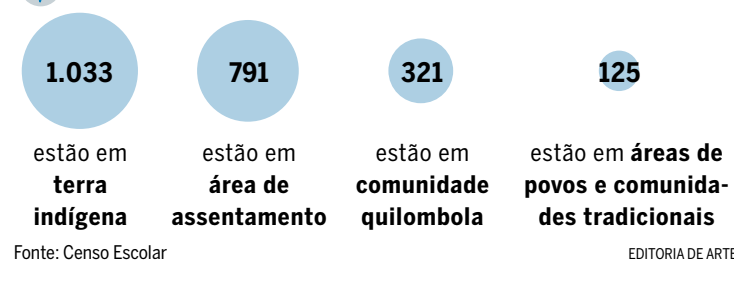
Oliveira, em sua dissertação

SEDE NA ESCOLA

ALUNOS EM UNIDADES SEM ÁGUA POTÁVEL



LOCALIZAÇÃO DE ALGUMAS DESSAS:



de mestrado, analisou o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) Águas e Esgotamento Sanitário, um instrumento do Ministério da Educação (MEC) para induzir a solução do problema, que é de responsabilidade direta de estados e municípios. De acordo com a pasta, em 2023 foram pagos R\$ 39,4 milhões a 1.441 escolas pelo programa. No final do ano passado, outras 2,1 mil foram selecionadas para receber o recurso em 2024. Serão mais R\$ 56 milhões.

BAHIA ALEGA ERRO

De acordo com o Censo, o número de alunos em escolas sem água potável era menor em 2022, de 931 mil. A diferença de um ano para o outro se deu pela inclusão de 661 escolas da rede estadual da Bahia, com 430 mil alunos, na lista das que não têm recursos hídricos adequados. Procurado, o governo estadual da Bahia alegou que houve erro de registro da Secretaria de Educação tanto no momento de envio dos dados ao Inep quanto no da checagem que o estado deveria ter feito. Por isso, informou que vai requisitar uma retificação no Censo Escolar, o que precisará ser feito através de um pedido judicial.

Presidente da Frente Parlamentar de Educação, Rafael Brito (MDB-AL) conta que às vezes a solução é simples, como a compra de um filtro industrial de R\$ 18 mil. Em outubro do ano passado, ele realizou uma audiência pública para debater o problema da falta de água potável nas escolas.

— Estamos trabalhando num Marco Legal do Saneamento das Escolas para definir requisitos mínimos, com uma política de governança para a fiscalização de tribunais de conta e MP — afirmou.

Entre os convidados da audiência pública estava o promotor do Ministério Público de Alagoas Lucas Sachsida, responsável pelo programa Sede de Aprender. Essa é uma iniciativa do MP do estado com a Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon) e o Instituto Rui Barbosa. Desde o seu início, em 2021, o número de escolas sem água potável em Alagoas caiu de 115 para 49.

— Os órgãos de controle e da área ambiental vão às escolas e analisam a qualidade da água. Confirmada a falta de potabilidade, os gestores são instados a adotar as medidas cabíveis — afirmou Cezar Miola, presidente da Atricon, no lançamento do programa.

ANTÔNIO GOIS



antonio.gois@jeduca.org.br

Boas e más notícias do Censo

Os dados do Censo Escolar de 2023, divulgados pelo MEC na quinta-feira passada, mostram que vários indicadores estruturantes estão se recuperando e voltando ao patamar pré-pandemia. Isso é bom e, ao mesmo tempo, ruim.

Para um melhor diagnóstico dos impactos da pandemia, é importante olhar não

apenas para a variação a curto prazo, mas, principalmente, para a tendência observada em séries históricas. Por exemplo, um dos dados mais positivos que o Censo Escolar nos trouxe foi o crescimento das matrículas em creches e pré-escolas, os setores mais afetados pela pandemia.

No caso das creches, depois de uma queda entre 2019 e 2021, o setor voltou a se recuperar e chegou a um recorde de 4,1 milhões de matrículas, superior ao patamar pré-Covid, de 3,8 milhões em 2019. A notícia é boa, mas nem tanto. Se analisada num contexto mais amplo, o crescimento recente é ainda insuficiente para retomar a trajetória anterior. Entre 2015 e 2019, as matrículas em creche cresciam a uma média de 5% ao ano. Se esse ritmo fosse mantido entre 2019 e 2023, teríamos ao redor de 4,5 milhões de matrículas hoje. Considerando que continuamos longe da meta do PNE, de 50% de crianças de 0 a 3 em creches (o último dado, de 2022, indicava 37%), há muito a ser feito.

A série histórica das pré-escolas conta história muito semelhante, com a diferença

que, nesta etapa, considerada já de matrícula obrigatória, o percentual de atendimento da população de 4 e 5 anos é maior (92% em 2022).

Nos ensinos fundamental e médio, o impacto da Covid não pareceu tão significativo em termos de matrículas. O fundamental seguiu sua trajetória de redução lenta ano a ano, causada sobretudo pela redução dos nascimentos, e o ensino médio permanece estagnado, um dado negativo, considerando que é a etapa hoje de maior evasão.

O que houve de mais atípico no fundamental e no médio foi o comportamento das taxas de aprovação na pandemia. A proporção de estudantes aprovados crescia de forma lenta, mas contínua. Com a Covid-19, esses indicadores deram um salto positivo, mas artificial, pois foi resultado da orientação do Conselho Nacio-

nal de Educação para que as redes evitassem ao máximo repetir alunos, considerando, acertadamente, que eles não tiveram as condições mínimas de aprendizagem no contexto do fechamento das escolas.

Em 2022, no entanto, praticamente voltamos aos patamares de reprovação e abandono anteriores à pandemia. A taxa de insucesso (reprovações + abandonos) foi de 4% no primeiro ciclo do fundamental, 8% no segundo ciclo e 13% no médio. Isso é muito preocupante, pois, apesar de serem muito melhores do que já foram no passado, são ainda indicadores que nos afastam do patamar de nações desenvolvidas.

Houve um momento no debate público educacional em que a crítica às altas taxas de repetência era entendida, equivocadamente, como uma defesa da aprovação a qualquer custo. Nas duas últimas décadas, porém, várias redes de ensino demonstraram que era possível conciliar redução significativa da reprovação e do abandono com melhoria da aprendizagem. Esse é o caminho que não podemos perder de vista.